

Geopolítica da Destruição: uma nova (des)ordem geopolítica mundial

Marcelo Micke Doti¹

Resumo

O artigo pretende analisar, inicialmente, a situação brasileira antes e durante os momentos de surgimento da Nova Ordem Mundial nos anos 1990 e seus significados internos em termos de sociedade, economia e política e os grandes os grandes interesses em jogo. Com isso é dado o objetivo deste: a geopolítica como expressão dos interesses e lutas internas marcadas pelas classes sociais. Esse objetivo não constitui novidade alguma, pois, neste ponto, liga-se à tradição de Carl von Clausewitz: não só a guerra, mas seus processos condutores espaço-sociais (geopolítica) são extensões ou continuações da política por outros meios. Para conduzir este processo o artigo percorrerá questões socioculturais do Brasil, as transformações políticas e econômicas pós-ditadura de 1964 e, através desta análise, induzir uma análise geopolítica marxista conducente ao agora-já da ordem internacional posta.

Palavras-chaves: Geopolítica; Conflitos sociais e inserção global; ordem geopolítica mundial

¹ Professor e pesquisador em regime integral (RJI) do CPS (CEETEPS) do Estado de São Paulo na Faculdade de Tecnologia (Fatec/Campus Mococa) e psicanalista (em formação). O campo intelectual de meus estudos configura-se especialmente nas interfaces entre filosofia da tecnologia, sociedade e formas atuais de sujeição. Isso envolve e articula de maneira muito especial a filosofia, a crítica social e a psicanálise com suas potencialidades de intervenção nesta crítica não sendo apenas, mas também, um campo clínico. Dentro desta perspectiva dá-se, então, estudos relacionados com as TICs e suas modalidades, suas configurações sobre os indivíduos dentro de uma sociedade de controle e de modulação das subjetividades, afetando tanto em seu fazer psíquico como também em seus atos educacionais fortemente imbricados. Isto é altamente relevante quando se fala em mundo digital e educação, sobretudo a depender qual o conceito de educação está em evidência: educação como formação e engajamento de sujeitos em complexidades da realidade histórica e social a lhe permeiar a existência. Formado em Ciências Econômicas (Unesp/FCLAr), mestrado em Filosofia Política (Unicamp/IFCH), mestrado em Sociologia (Unesp/FCLAr), doutorado em Planejamento de Sistemas Energéticos (Unicamp/FEM) pós-doutorado em Pesquisas Energéticas (UFABC/CECS). | marcelo.micke@uol.com.br



Resumen

El artículo pretende analizar, inicialmente, la situación brasileña antes y durante los momentos de surgimiento del Nuevo Orden Mundial en la década de 1990 y sus significados internos en términos de sociedad, economía y política y los grandes intereses en juego. Con ello, se da el objetivo de este: la geopolítica como expresión de intereses y luchas internas marcadas por las clases sociales. Este objetivo no es nada nuevo, ya que, en este punto, se vincula con la tradición de Carl von Clausewitz: no sólo la guerra, sino sus procesos socioespaciales (geopolítica) son extensiones o continuaciones de la política por otros medios. Para conducir este proceso, el artículo abordará cuestiones socioculturales en Brasil, las transformaciones políticas y económicas después de la dictadura de 1964 y, a través de este análisis, inducir un análisis geopolítico marxista que conduzca al ya del orden internacional.

Palabras clave: Geopolítica; Conflictos sociales e inserción global; orden geopolítico mundial.

Abstract

The article intends to analyze, initially, the Brazilian situation before and during the moments of emergence of the New World Order in the 1990s and its internal meanings in terms of society, economy and politics and the great interests at stake. With that, the objective of this is given: geopolitics as an expression of interests and internal struggles marked by social classes. This objective is nothing new, since, at this point, it is linked to the tradition of Carl von Clausewitz: not only war, but its social-spatial processes (geopolitics) are extensions or continuations of politics by other means. To conduct this process, the article will cover sociocultural issues in Brazil, the political and economic transformations after the 1964 dictatorship and, through this analysis, induce a Marxist geopolitical analysis leading to the now-already of the international order.

Keywords: Geopolitics; Social conflicts and global insertion; world geopolitical order.

*“Uma notícia está chegando lá do Maranhão.
Não deu no rádio, no jornal ou na televisão.
Veio no vento que soprava lá no litoral
de Fortaleza, de Recife e de Natal.
A boa nova foi ouvida em Belém, Manaus,
João Pessoa, Teresina e Aracaju
e lá do norte foi descendo pro Brasil Central
Chegou em Minas, já bateu bem lá no sul!*

*Aqui vive um povo que merece mais respeito!
Sabe, belo é o povo como é belo todo amor.*



*Aqui vive um povo que é mar e que é rio,
E seu destino é um dia se juntar.
O canto mais belo será sempre mais sincero.
Sabe, tudo quanto é belo será sempre de espantar.
Aqui vive um povo que cultiva a qualidade,
ser mais sábio que quem o quer governar!*

*A novidade é que o Brasil não é só litoral!
É muito mais, é muito mais que qualquer zona sul.
Tem gente boa espalhada por esse Brasil,
que vai fazer desse lugar um bom país!
Uma notícia está chegando lá do interior.
Não deu no rádio, no jornal ou na televisão.
Ficar de frente para o mar, de costas pro Brasil,
não vai fazer desse lugar um bom país!”*

Milton Nascimento & Fernando Brant,
Notícias Do Brasil (Os Pássaros Trazem)

1. A ordem do capital e o Brasil de quem?

A música e a letra acima postas como epígrafe significam muito para os anos pós-ditadura no Brasil. A um olhar histórico de longos fôlegos de duração – a semelhança da ideia e expressão postas com *longue durée* não são aqui mera coincidência, mas em nada importa para o desenvolvimento do texto sendo mera curiosidade – a ditadura militar, ou melhor e mais preciso, ditadura civil-empresarial-militar, não ocorreu há tanto tempo. Mas ao olharmos para a letra e sua data (o álbum *Caçador de Mim* é de 1981) temos quase meio século. No entanto, convenhamos, tempos históricos, datas, durações, são bastante relativos: assentam-se em percepções e interpretações que dependem do viés de classe e este é que será colocado no presente texto.

Certa vez, em aula no mestrado com o professor Octavio Ianni, disse ele ao comentar um ensaio de Adorno: “percebam [nós, os alunos] como logo em seu início o autor impacta o tema que exporá, tudo que pretende desvelar”. Certamente não eram estas as palavras exatas, mas ficou-nos o *espírito* da fala – literalmente, ficou-nos, pois ao deixarmos a aula,



comentamos sobre sua lucidez e clareza. Este espírito ficou. Não se pretende Adorno este autor, mas o primeiro parágrafo intencionou explicitar uma sensação vivida e, ao mesmo tempo, uma situação socioeconômica e política que pode ser próxima ou longínqua, depende apenas do sujeito social a narrá-la, senti-la ou vive-la.

Em 1981 vivia-se sobre a ordem forte da ditadura em seu processo de “desfazimento”. Não se sustentava mais e por uma série de fatores. Outro professor de tempos de mestrado, Fausto Castilho, elencava, entre eles, a miserabilidade e a indigência (palavras nossas) da elite militar² brasileira que não soubera como contornar a crise mundial a se instalar no mundo e sua recepção no Brasil, a perda do controle econômico e das políticas monetárias com a inflação galopante a estourar em hiperinflação 10 anos depois. Enfim, não é este o foco: expressou-se aqui tão somente esboços do processo. Parte dessas linhas serão resgatas depois, mas apenas partes.

A canção inseria-se, portanto, neste processo de uma ordem socioeconômica e política nova que se vislumbra.³ Em 1982, aconteciam as

² Sobre o conceito e a explanação sobre elites há uma gama vasta de textos e linhas. Indicamos *A Elite do Poder* (MILLS, 1981) e *Sociedade, Natureza e Energia* (DOTI, 2008).

³ Seria quase desnecessário dizer, mas convém fazê-lo para evitar a grande função da linguagem segundo Lacan: o mal-entendido. Aproximar teoricamente uma canção popular com os movimentos sociais, econômicos e políticos exige pensar *temporalidades, sensações, percepções* desiguais e diferentes (estrutura de sentimento). Seria ao mesmo tempo algo como uma *Weltanschauung* com um *Zeitgeist*. Ambos são, hegelianamente pensando, formas abstratas, universais abstratos e sem concretude histórica, ou seja, ausência de determinações. Marx assim também o fizera, em outros termos, pensava, neste ponto, hegelianamente: *O Capital* é expressão desse fundo (atenção, “fundo”, não determinação) e não uma aposta apenas em uma luta sem sentido e inócua como fizeram os ludistas, por exemplo. Mesmo assim, a aproximação feita aqui no artigo encontra respaldo com determinados movimentos culturais explicitados nos próprios meios de comunicação de massa, com destaque para a mídia corporativa. Pensar que a conservadora *Folha de São Paulo* (sim, conservadora, ao contrário da “imagem” que durante décadas tal mídia “vendeu” de si) foi dos jornais mais ativos durante a campanha para eleições diretas e sua movimentação de rua. Notar bem esse amálgama: órgão de imprensa de certo relevo na classe média-alta, movimentação de ruas e campanha política para as *Diretas Já*, cantores, intelectuais, artistas, jogadores de futebol etc. ligados à movimentação de massas (Milton Nascimento estava entre eles), transformações em costumes expressos em novelas, Brock (rock brasileiro) renascendo com músicas incisivamente críticas e, por isso, censuradas (mas que todos acabavam ouvindo). Adicionar (notar: *adicionar* e não *totalizar* que necessitaria de estudo específico) esses



primeiras eleições para governador no país após 1964 e o Partido dos Trabalhadores (PT) concorria com Luís Inácio da Silva que somente posteriormente viria incorporar o Lula. Em São Paulo, a oposição ganha com o MDB transformado em PMDB com Franco Montoro. No Rio com Leonel Brizola (PDT) e em Minas com Tancredo Neves (PMDB) a oposição também viria a ganhar mesmo o PDS (egressos da antiga Arena, partido de base da ditadura e dos militares, ao contrário do MDB que se tornara um agregado de conservadores não militares até membros do PCB) tendo feito a maioria dos governadores. A ditadura ainda não estava em seu fim e deixava marcas nesta eleição com o “voto vinculado”: a votação devia ser em todos os candidatos de um mesmo partido (governador e vice deveriam ser do mesmo partido e ainda se deveria votar em deputados federal, estadual e senadores, todos do mesmo partido).

Em 1989 – depois de um processo tumultuado de um presidente civil (José Sarney) chegando ao poder em 1985, sem eleições diretas, por meio do colégio eleitoral e com as ameaças militares rondando uma democracia querendo ser parida (Newton Cruz, um dos expoentes máximos da repressão militar, truculento – paroxismo para os militares – e golpista tenta barrar um civil de assumir a presidência) – temos, por fim, eleições diretas para presidente. Antes disso, após 1985, com um presidente civil e uma democracia ainda por ser feita, temos o processo constituinte e uma nova carta magna em 1988 consagrando direitos civis e populares bem mais abrangentes, mas deixando alguns problemas em aberto. Nestas eleições ocorre o “fazimento”, a construção de um candidato pelas elites e sofrendo um processo de impeachment (Fernando Collor de Melo). O mais importante para este artigo: inicia-se o processo pelo qual a economia brasileira irá se abrir para o capital rentista, seja pelas privatizações – anunciadas e “pedidas” há muito tempo⁴ –, seja posteriormente com o Plano Real e o governo desastroso de FHC.

elementos nos permite a aproximação feita no artigo da canção com o momento histórico.

⁴ O sentido de “pedidas” aqui é muito claro: o ato de pedir é um ato de alguém e, em uma sociedade de classes, significa que “alguma classe pede”. Os grandes conglomerados estrangeiros, seus financiadores (bancos) e os conluios nacionais que assaltam o patrimônio público de todas as formas – não só pela compra espúria, mas por meio de financiamentos do BNDES para compras (BIONDI, 2003; LAZZARINI, 2011) – influem de todas as formas para assaltar o poder econômico massivamente. Leia-se massivamente em dois sentidos: tanto agindo descaradamente por meio do



Chegam os anos 1990 e a crise e fim do socialismo real anunciam uma Nova Ordem Mundial (NOM). Em terras tropicais brasileiras muitas questões foram colocadas. Debates sobre a NOM juntavam-se a mais debates sobre a “morte de Marx” (desde sua morte real em 1883 até hoje, quantas vezes o velho revolucionário não foi morto...) e as novas conjunturas: o Brasil e a globalização. Neste ponto resgataremos vários fios que se puseram ao longo desta primeira parte para fechá-la.

2. Inserção global pela subordinação... ao capital

Nada diferente aconteceu em termos de processos ou programas ideológicos, economia e inserção brasileira na globalização que se anunciava com Collor e amadurecerá em FHC. A inflação foi suprimida por meio de um projeto político-econômico chamado Plano Real, mas nada revelava de novo dentro das nossas velhas narrativas de classe: as elites brasileiras curvando-se e aviltando-se à mediocridade subordinada novamente com os planos de privatizações, “invasão” financeira externa pelo controle dolarizado da inflação com a URV/Real e os juros altos para conter crises externas equilibrando as “contas” do país, ou seja, o balanço de pagamentos apenas na parte das entradas financeiras especulativas. Não é preciso dizer a distorção que isso veio causar na dívida pública e sua proporção em relação ao PIB. Mas “os mercados”, como sempre e até hoje, ficaram imensamente satisfeitos.

Neste ponto daremos um “pulo” e passaremos com poucas “pinceladas” ou esboços sobre os anos dos governos PT. Destacaremos tão somente alguns pontos que servem para continuar a articulação objetivada entre os contornos da ordem geopolítica anunciada desde as transformações do leste europeu e URSS com sua configuração já posta dentro dos anos 1990 – a NOM e o poder hegemônico dos Estados Unidos

poder econômico e lobbies, como pelas mais deslavadas propagandas televisivas e em massa (veja o documentário do cineasta Sílvio Tendler, *Privatizações: a Distopia do Capital*). Ver também Jessé Souza e sua crítica incisiva nessa construção “teórica” feita no Brasil de que o privado é sempre melhor. Mais: não devemos esmorecer, pois o mesmo processo continua bastando para isso ver o governo de Jair Bolsonaro/Paulo Guedes e o “neoliberalismo hard”, como nos diz Vladimir Safatle, bem como as atuais investidas da mídia corporativa (ou PIG, Partido da Imprensa Golpista, como dizia Paulo Henrique Amorim) sobre o governo Lula 3 e críticas sobre nenhum processo de “desestatização”.



definido militarmente (por meio da OTAN não extinta com a desintegração da URSS e do Pacto de Varsóvia: ao contrário, será cada vez mais intensificada) e economicamente através da globalização (singela palavra-valise a esconder a mundialização financeira e a submissão mundial à ordem neoliberal: não à toa na tradição francesa temos um termo muito mais coerente, *mundialização*) – e as relações internas, relações sociais e políticas do Brasil.

Não se trata de aprofundar uma detalhada análise dos governos do PT, seus diferentes momentos, seus jogos dentro da *Realpolitik*, suas crises e tensões. Dentro do escopo a que se destinou este artigo são essenciais as relações socioeconômicas e como estas estão em conformidade com as grandes linhas de estrutura e estruturação da ordem geopolítica desde a redemocratização brasileira até as figuras atuais.

Em primeiro lugar, entre os pontos a se destacar, temos os conflitos enfrentados pelo próprio Partido dos Trabalhadores. Poder-se-ia falar em “capitulação” do PT ao mercado.⁵ A história do Partido dos Trabalhadores se confunde com as lutas no Brasil pela redemocratização e, ao mesmo tempo, com a história da inserção do país e, conseqüentemente do partido, dentro dos marcos de fenômenos geopolíticos importantes: as aberturas econômicas e a submissão imperial aos mercados via Consenso de Washington (ou simplesmente globalização dentro da ordem das grandes finanças e dos EUA em particular) juntamente com a derrocada do socialismo real. Dentro destes marcos o partido, ao longo dos anos 1990, especialmente, terá que se definir: socialista, comunista, revolucionário, partido de massas, partido da ordem? Muitas serão as conjunturas e amplos espectros institucionais e estruturais em que ele terá que se colocar e se definir. Mais claramente ainda após as sucessivas derrotas seguidas em três eleições.⁶

⁵ Novamente, neste ponto seria essencial “transar/tramar” uma narrativa da história e das lutas internas do partido, suas vertentes e tendências, as tendências dominantes, dissidentes do partido, motivos dessas lutas internas entre tantos outros imbrólios das lutas internas, especialmente nos anos 1990, ou seja, após as derrotas presidenciais de 1989, 1994 e 1998, mas que ocorria antes, nos anos 1980, também. No entanto, não é o foco deste trabalho.

⁶ As histórias dessas eleições seriam um capítulo à parte, porém totalmente conexas com a narrativa em sentido de um discurso dentro da NOM e da geopolítica como se faz aqui. Essas derrotas e a história do partido marcariam e marcam etapas de transformação do PT e suas posturas dentro do âmbito institucional e estrutural



Em todo caso há sempre, em qualquer formação partidária um perene hiato entre suas propostas e projetos – especialmente no caso de projetos nacionais – um hiato entre ele e suas práticas políticas, seu jogo dentro do tabuleiro parlamentar e dos acordos. A questão em grande parte será aqui o quanto se pretende fazer a *Realpolitik*: atuar dentro das estruturas destas pode aumentar grandemente o hiato dos projetos e a condução comezinha da política. Neste caso, o PT preferiu em seus múltiplos e complexos jogos internos e parlamentares articular-se muito bem às elites, sem reformas financeiras, renegociação soberana da dívida pública, efetivas reformas agrárias e urbana entre tantos outros. Programas bem-sucedidos, sem dúvida, de distribuição de renda e inclusão social foram implementados e deveriam e devem ser feitos: não se menospreza a pobreza e a miséria gratuitamente sem perda política e da própria razão humana – é isso que faz determinada esquerda perdida em conflitos teóricos e práticos e diante do fascismo capitula ao propor nulidade do voto.⁷ No entanto, isso tem sua outra figuração ou inscrição histórica e social: com o PT o Brasil se inscreve mais efetivamente dentro da NOM sob domínio do capital e sua reprodução.

Outro ponto a se destacar dentro deste “pulo” ou capturas em *pizzicato* dos governos PT é o “abençoado maldito” pré-sal. Certa vez em companhia do Prof. Sinclair – homenageado já justamente no número xxx desta revista – fomos assistir a um colóquio, uma pequena conversa com apenas alguns professores em um auditório bastante restrito dentro do PPGE (Programa de Pós-Graduação em Energia)⁸ da USP. Lá estava para nos falar o brilhante economista Carlos Lessa. Entre as muitas articulações conceituais foi que, quase ao final da conversa, ele nos falar justamente isso:

brasileiro e reflete-se nas suas escolhas geopolíticas como estamos presenciando agora com Lula 3.

⁷ Nota necessária e, dentro da totalidade e em seu nome, fundamental: quando pensamos em todas as lutas sociais e de classes movidas para conseguir um ato tão simples, outrora em um papel e agora, no Brasil, de forma digital (tão vilipendiada pelo fascismo da ordem atual da política brasileira) que é votar observando a *longue durée*, haveria muito mais respeito a este ato e perceber-se-ia melhor as mediações, determinações e particularidades deste ato dentro do Brasil do “ultra-já”. Esquecem, algumas esquerdas em geral e certos marxistas em particular, que Marx releu toda a *Ciência da Lógica* antes da escrita de *O Capital*. Reflexo maravilhoso disso é o famoso posfácio da segunda edição alemã (Marx, 1973).

⁸ É o Programa Interunidades, vinculado às unidades IEE, IF (Instituto de Física), FEA (Faculdade de Economia e Administração), e EP (Escola Politécnica) e desde 2014 se tornou Programa do Instituto de Energia e Ambiente da USP.



“o pré-sal pode ser uma benção ou uma maldição para o Brasil”. E a “profecia” se revelou pelo seu lado mais nefasto. E ele tinha razão ainda no governo Dilma quando o campo de Libra foi a leilão.

Temos ainda mais que isso – claro, como se esse “isso” não bastasse para colocar um último prego no caixão do partido que levantava esperanças, nunca socialistas para quem conheceu e conhecia a trajetória do PT, mas não esperava tanta submissão ao capital e a sua ordem geopolítica internacional vinda com estratégias de dominação e controle de espaços, porém também com o bom tacão dos agenciamentos neoliberais. Neste “ainda mais” havia o elemento geopolítico de controle de espaços referido acima.

Em 2008 a 4ª frota da marinha de guerra dos Estados Unidos foi reativada (MORAIS, 2019). O pré-sal foi anunciado em 2007. Evidentemente: não podemos fazer correlações diretas, pois não seriam correlações, porém pura ilações. No entanto, a 4ª frota fora desativada em 1950. Fora criada durante a II Guerra Mundial, em 1943, e desmobilizada em 1950. Justificava-se a sua presença em função das ocupações oceânicas dos nazistas na América latina, porém com a vitória dos aliados essa força beligerante foi desarticulada: os líderes políticos de direita estavam aliados aos EUA. Mas não havia apenas o pré-sal: Hugo Chaves chega ao poder em 1999 governando um país com campos petrolíferos incalculáveis especialmente após as descobertas e exploração não mais em Maracaibo, mas sim no Orenoco. Em 2002 sofre pressão e anuncia-se mais um dos golpes conhecidos em Latinoamérica. Em seu lugar assume a presidência – pasmemos de tão esdrúxula a situação como o recém autoproclamado presidente Juan Guaidó – o líder da entidade patronal *Fedecámaras*, Pedro Carmona: tal entidade é uma espécie de FIESP venezuelana. Na Bolívia, com as eleições de dezembro de 2005, Evo Morales vence com maioria absoluta, tornando-se o primeiro presidente de origem indígena assumindo o poder em 22 de janeiro de 2006. Enfim, temos um quadro de estreitamento das possibilidades de controle geopolítica dos espaços sobre riquezas minerais imensamente necessárias para os projetos das elites políticas do Estados Unidos e seu bom e velho costume de resolver tudo no tacão, o velho *big stick*.

Diante desses quadros percebemos indicações e não mais ilações e, em termos de Brasil, podemos já falar com certa objetividade das intenções da reativação da 4ª frota da marinha dos Estados Unidos. Em reportagem de 02 de julho de 2008 o presidente Lula pede explicações sobre a reativação



da 4ª frota da marinha dos Estados Unidos (BBC, 2023). Há análises e indicações por meio dos recursos metodológicos do marxismo relacionando o golpe de 2016 contra a presidente Dilma Roussef com a rearticulação da 4ª frota (MONTYSUMA, 2019). Outras indicações instalam-se direto sobre a relação 4ª frota e o pré-sal (CONTEE, 2023). Com movimentos e tentáculos que se ligam a esse cenário (especialmente com intuito de destruir construtoras brasileiras e abrir o mercado nacional às estrangeiras)⁹ ainda temos a operação “Lava-Jato”, a corrupção generalizada do judiciário, sua instrumentalização para construir um golpe com viés parlamentar e a influência direta dos Estados Unidos (UOL, 2023). Enfim, podemos contar com a competência de David Harvey em *O Novo Imperialismo* (HARVEY, 2005): “tudo por causa do petróleo” é o título do capítulo de abertura do livro, mas que poderíamos também resumir de outra forma, ou seja, “é o petróleo, seu idiota”.

Diante do quadro articulado acima entre os processos socioeconômicos do Brasil, suas configurações políticas e as estratégias internacionais de dominação sejam econômicas, sejam os agenciamentos de espaço de controle, vemos de 2016 até 2018 preparar-se um cenário para a catástrofe fascista (STANLEY, 2018)¹⁰ do último regime presidencial e sua representatividade de “neoliberalismo hard”. Durante o governo Bolsonaro,

⁹ “A ‘Operação Lava Jato’ da Polícia Federal revelou a existência de uma possível organização criminosa envolvendo empreiteiras e empresas estatais na realização de obras públicas e prestação de serviços de infraestrutura no país. Essas práticas afetam negativamente a capacidade de crescimento da economia, bem como a estabilidade do Estado de Direito e da democracia representativa” (MENDES, 2015). Nenhuma novidade ao pensarmos na destruição do Iraque e a infraestrutura petrolífera totalmente refeita pelos contratos com a Halliburton cujo CEO à época era o vice-presidente dos EUA, Dick Cheney.

¹⁰ Bastante importante e curioso no livro é que Jason Stanley não está interessado do fascismo histórico, as condições, conjunturas e estruturas do seu surgimento dentro da crise do capitalismo dentro dos anos 1920-1930. Poderíamos fazer correlações entre aquele momento de crise e a crise estrutural atual e os avanços sistemáticos e constantes da extrema-direita (fascista) no mundo contemporâneo. O que Stanley deseja e mostra de forma muito clara em seu livro e por isso citado aqui é o fascismo como *técnica de poder*. Neste ponto temos perigos imediatos se fizermos uma explosiva correlação: crise capitalista, as técnicas de poder do fascismo e as atuais formas de comunicação que permitem açambarcar uma quantidade gigantesca de pessoas fanatizadas mobilizando, portanto, elementos culturais para dentro das formas e técnicas de poder. A cultura como força produtiva – materialismo cultural (WILLIAMS, 2011) – muito específica: mobilização ideológica sub-reptícia e violenta.



além da destruição neoliberal e típica do fascismo (CHAMAYOU, 2020)¹¹ ainda passamos à esfera total de submissão aos Estados Unidos. Para ser mais caricatural com todas as pantomimas do ex-presidente-joia: bater continência para a bandeira dos Estados Unidos e esperar à época o presidente Donald Trump sair de seu discurso na ONU apenas para lhe falar “I love you”.

Claro, toda essa pantomima, fanfarrice e histrionismo configuram-se como um argumento *ad hominem*, por um lado. Por outro lado, não somos tolos para crer que seja automático e de pura crença que Bolsonaro o fez e continua a fazer o que faz: planejadamente mantém seus “seguidores” fanatizados e imunes a qualquer forma de argumentação. Importante para o discurso e a narrativa deste artigo é o feito como estrutura: a convergência configuradora dos processos geopolíticos de controle dos espaços e suas necessidades articulados com os processos econômicos por meio das finanças e, neste caso, o neoliberalismo levando-nos a falar de ordem

¹¹ O livro de Chamayou é essencial neste ponto em vários sentidos. Além de dissecar o neoliberalismo e sua relação com a governabilidade social e o uso do conceito de Foucault de *governamentalidade* por meio do qual o neoliberalismo vai se colocando como resposta não só econômica, mas resposta política aos anos “quentes” das revoltas populares na década de 60. Por esse caminho é dissecado exemplarmente a necessidade das desregulamentações econômicas como formas de poder. Porém temos uma outra questão importante aqui: servindo-se de documentos governamentais e empresariais, vai nos mostrar a orquestração desse “liberalismo autoritário”, mostrar-nos que ele não é novo e suas raízes remontam ao debate entre o jurista antifascista Hermann Heller e Karl Schmitt em 1933. Poderíamos arriscar e dizer – e acreditamos que sem errar muito – o sistema movido pela lógica do desenvolvimento através do capital, o capitalismo, essencialmente é fascista e autoritário e foram poucos o momentos no qual este foi democrático, distribuiu renda e bem-estar social e, dentro da geopolítica, não provocou guerras. Ilustrar essa afirmação e esse questionamento pode ser muito interessante com o documentário de 2009 de Michael Moore, *Capitalism, a love story*. Temos relatos absurdos e chocantes do abuso financeiro sobre a vida das pessoas, bem como a demonstração do governo dos Estados Unidos sendo tomado por gestores da Goldman Sachs (chegando a ser chamado de “governo da Goldman Sachs”). Dentro desta nota, no entanto, o mais importante: próximo aos 56 minutos do documentário, Stephen Moore (nenhum parentesco com o documentarista), colunista e membro do conselho editorial do *Wall Street Journal*, “Bíblia da América Corporativa” e dos financista, declara “acho que o capitalismo é muito mais importante que a democracia” e “nem sequer acredito muito na democracia”. Sim, em frases curtas e a “queima roupa” como essas é que esses “senhores das finanças globais” revelam suas verdadeiras intenções e ideologias.



geopolítica neoliberal. Tal ordem seria neste caso figurada e estruturada pela hegemonia dos Estados Unidos, suas finanças e sua máquina de guerra.

Poderemos fechar este item e abrir para o último deste artigo com a música de Milton Nascimento e Fernando Brant que o epigrafam. O “Brasil não é só litoral! É muito mais, é muito mais que qualquer zona sul” e precisaria aprender (evidente, não “O Brasil”, mas suas elites de cunho colonial) inserção global dentro dos arranjos geopolíticos internacionais através, primeiro, de processos de desenvolvimento populares para além da “zona sul” e seu olhar triste por morar “aqui e não lá”. Como as elites de controle socioeconômicas do país só querem olhar para o “lá” e não os problemas populares de desenvolvimento, deveriam deixar aos trabalhadores organizados cuidar de seus interesses, pois “aqui vive um povo que cultiva a qualidade” e é bem “mais sábio que quem o quer governar!”

3. O que se desenha agora: conclusão em chave de destruição

Em 1985 tomava-se como fato o declínio da hegemonia dos Estados Unidos. Acreditava-se numa ordem policêntrica. Nesta época, Maria da Conceição Tavares demonstrava que isso não era verdadeiro. Na contramão do consenso vigente sobre os movimentos em curso de desregulamentação financeira da economia internacional, mostrava-se que isso não era fruto de um processo econômico espontâneo. Ao contrário, era parte de um esforço bem-sucedido de restauração da hegemonia mundial dos Estados Unidos (TAVARES, 1997).

Em isto é verdadeiro: todo um processo de hegemonia foi retomado com as ativações institucionais de algo não espontâneo, a *globalização*. Aliás, já assinalado anteriormente neste artigo, a globalização aparece como fruto de um processo econômico automático, espontâneo como o discurso econômico e suas ideologias se esforçam por calcar tal como as várias vias de acesso à industrialização dos muitos países do mundo quando avançam pela senda de suas industrializações. A globalização nada tem de espontânea: é processo calculado para abertura de mercados financeiros, privatizações, instrumentalização do Estado via mecanismos da dívida pública além de toda uma série de benefícios das elites do poder em direção



aos múltiplos mecanismos pelos quais desmonta-se cada vez mais os instrumentos de políticas públicas e políticas econômicas.¹²

No plano geopolítico do controle de espaços os Estados Unidos vieram promovendo formas cada vez mais sutis de afronta e conquista do poder por meio das chamadas “guerras híbridas” (KORYBKO, 2018) ao longo das últimas décadas.

A questão atual, no entanto, são outras e mais problemáticas: a hegemonia dos EUA vem sendo desarticulada por um lado com os questionamentos cada vez maiores do dólar como moeda mundial. Exemplos disso são não apenas declarações atuais do presidente Lula, mas também reuniões como a do G-20 em Londres em maio de 2009 no qual a hegemonia da moeda americana era posta em questão nas transações internacionais. O ex-presidente ou ex-ditador – a depender do momento da história e seus lados – Saddam Hussein havia transformado a venda de seu petróleo em euros no intuito de fazer dessa moeda o padrão de reserva internacional de seu país. Sim, a questão é o petróleo, “seu idiota” como citado acima, porém também como ele é negociado. Muammar al-Gaddafi, segundo consta, tencionava proceder a uma união africana e a formação de uma moeda única.

Em tudo isso temos um processo único, porém de dupla cabeça: por um lado os processos geopolíticos (e de guerra se necessário) para controle de espaços privilegiados, espaços que possam garantir abastecimentos de matérias-primas (como o petróleo e minérios) para as grandes corporações americanas e suas afiliadas mundiais em uma rede intrincadíssima de formação de conglomerados e grandes grupos produtivo-financeiros; por outro lado esses processos da geopolítica (o espaço é político, pois sobre o espaço há configurações sociais e controles de poder) acorrentados às necessidades da finança globalizada, leia-se, das finanças desreguladas e com Estados soberanos cedendo sua hegemonia sobre a moeda, as políticas públicas, econômicas e garantindo amplos desenvolvimentos de capital especulativo.

Por meio de todo esse panorama é que a nova ordem mundial aberta com o fim da guerra fria e da URSS, surgia no horizonte político, geopolítico,

¹² Ver o atual caso brasileiro com a independência do Banco Central e suas investidas conservadoras com taxas de juros escorchantes e para além de qualquer patamar de sustentação produtiva. Acrescente-se a velha ortodoxia ideológica com “ares de ciência” que as taxas de juros inibem a inflação.



ideológico (como o fim da história) e econômico como a era dos Estados Unidos. Não foi e não é bem isso que se anunciou: os Estados Unidos e suas imbricadas elites militares e civis aprofundam cada vez mais o cerco sobre a Rússia, por exemplo, com a abusiva expansão da OTAN e as raízes do confronto com a Ucrânia, os apoios a governos de extrema-direita que automaticamente se alinham à OTAN (como recentemente a Finlândia); mas também o cerco à China com escalda militar na Austrália entre tantos outros pontos. E isso não deve parar: a ordem mundial dos Estados Unidos é a ordem do poder sobre espaços por meio de bases militares (JOHNSON, 2007) e controle deles, bem como garantir a hegemonia de sua moeda.

A nova ordem mundial (NOM) revelou-se bem menos do que a pátria do norte tencionava e se alguma coisa está "fora da ordem mundial" como nos diz Caetano Veloso em uma de suas canções, é o próprio e velho "tacão" do poder e das guerras estadunidenses. As opções de geopolítica e *démarche* econômica dos Estados Unidos ficam mais curtos e mais destrutivos: em última instância, será a guerra como nos ensina Clausewitz.

Referências

- BBC. Lula quer explicações dos EUA sobre Quarta Frota. Disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/07/printable/080701_lulamercosul_mc_ac > Acesso em: 27 abr. 2023.
- BIONDI, Aloysio. **O Brasil privatizado**: um balanço do desmonte do Estado. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- CHAMAYOU, Grégoire. **A sociedade ingovernável**: uma genealogia do liberalismo autoritário. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- CONTEE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino). Estrategista militar vê 4ª Frota como ameaça real ao pré-sal. Disponível em: <<http://www.contee.org.br/noticias/msoc/nmsoc387.asp>> Acesso em: 22 abr. 2023.
- DOTI, Marcelo Micke. **Sociedade, natureza e energia**: condições estruturais e superestruturais de produção no capitalismo tardio. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2008.
- HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2005.
- JOHNSON, Chalmers. **As aflições do império**: militarismo, operações secretas e o fim da república. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007.



- KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas**: das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2018.
- LAZZARINI, Sérgio G. **Capitalismo de laços**: os donos do Brasil e suas conexões. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- MARX, Karl. **El capital**: crítica de la economía política. Tomo I. Habana: Instituto Cubano del Libro, 1973.
- MENDES, M. J. Restrições Legais à Abertura do Mercado Brasileiro de Projetos e Serviços de Engenharia. Brasília: Núcleo de Estudos e Pesquisas/ CONLEG/Senado, março/2015 (Texto para Discussão nº 171). Disponível em: <www.senado.leg.br/estudos> Acesso em: 31 mar. 2015.
- MILLS, C. Wright. **A elite do poder**. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- MONTYSUMA, Anna Marina Paes. A rearticulação da quarta frota e o golpe no Brasil. In: XVII Congresso Internacional FoMerco (Fórum Universitário Mercosul). Foz do Iguaçu, 2019.
- MORAIS, Josiel Francisco Santos de. Quarta Frota Avança sobre a América Latina. Disponível em: <<https://ceppes.org.br/revista/versao-impressa/3/quarta-frota-avanca-sobre-a-america-latina>> Acesso em: 20 abr. 2019.
- STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- TAVARES, Maria da Conceição. A retomada da hegemonia norte-americana. In: TAVARES, Maria da Conceição; FIORI, José Luís. **Pode e dinheiro**: uma economia política da globalização. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- UOL Notícias. Lava Jato teve influência dos EUA em conexão com Moro, diz Le Monde. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/04/11/sergio-moro-le-monde-eua-lava-jato.htm>> Acesso em: 10 abr. 2023.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

Recebido em 06 mi. 2023. Aceito em 18 jun.2023.

